

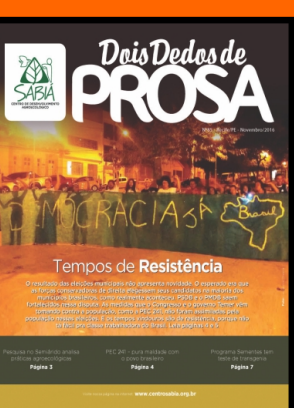
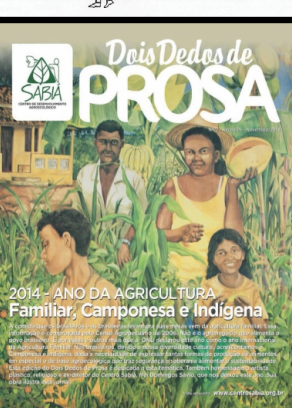
# DOIS DEDOS DE PROSA

Nº100 - Recife | PE - Novembro | 2021

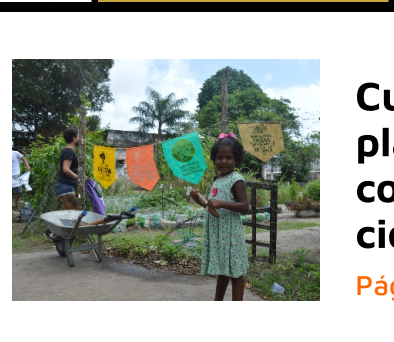
## Prosa que fortalece a comunicação

O nosso Dois Dedos de Prosa (DDP) chega ao número 100 de forma ininterrupta. Ousadia, qualidade e criatividade são suas marcas até hoje, fortalecendo um estilo de comunicação afirmativa na perspectiva da agricultura familiar camponesa.

Saiba mais nas páginas 4 e 5



**Governo federal nega auxílio à agricultura familiar**  
Página 2



**Cultivar, plantar e colher nas cidades**  
Página 6



**Juventude se organiza em tempos de crise**  
Página 8

Por Carlos Magno de Medeiros Moraes

Coordenador de Mobilização Social do Centro Sabiá

Em setembro de 1989, nascia a primeira edição do *Jornal Dois Dedos de Prosa*, a primeira de uma longa jornada de 32 anos de produção ininterrupta. Neste mês de outubro, estamos fechando um ciclo com esta centésima edição! O DDP, como carinhosamente chamamos, é, acima de tudo, um processo de resistência à comunicação hegemônica e uma afirmação da comunicação não apenas como uma ferramenta, mas como um meio de mudar a sociedade e construir outras narrativas sobre as nossas próprias histórias. Estas 100 edições contam a história de muitas vidas e de muitas transformações que ocorreram ao longo destas três décadas. No *Prosa de Interesse*, contaremos mais detalhes sobre esta trajetória, e ainda temos um encarte especial com as capas de todas as edições. Ainda nesta edição, vamos conversar sobre o Dia Mundial da Alimentação e refletir se temos algo a comemorar. Falaremos também sobre a importância da Agricultura Urbana em tempos de fome e saber mais da importância das feiras agroecológicas nos grandes centros urbanos. Essas e muitas outras prosas você confere nesta nossa edição especial de número 100.

Vem voar conosco!

DE OLHO

# Governo nega auxílio à agricultura familiar

Por Alexandre Henrique Pires

Coordenador geral do Centro Sabiá

O presidente Jair Bolsonaro vetou por duas vezes projetos de lei aprovados na Câmara dos Deputados e no Senado que criam apoio aos agricultores familiares, indígenas e quilombolas afetados pela pandemia.

Movimentos sociais, redes e articulações que atuam no campo, em aliança com o Núcleo Agrário do PT na Câmara, construíram o Projeto de Lei Assis Carvalho que previa apoio aos agricultores familiares afetados pela crise sanitária e crise econômica. Aprovada pelo Congresso Nacional em 2020, a Lei foi vetada pelo presidente da república.

Diante do veto presidencial, o grupo se articulou mais uma vez, e em 2021 apresentou outro PL, mais uma vez aprovado nas casas legislativas, mas a Lei Assis de Carvalho II foi vetada pelo presidente. Na votação no legislativo, apenas o Senador pernambucano Fernando Bezerra Coelho (MDB), líder do governo no Senado, votou contra a aprovação da Lei.



Ana Mendes | Acervo Centro Sabiá

A lei prevê crédito de custeio e investimentos para produção de alimentos, assistência técnica, comercialização de alimentos com a doação para pessoas em situação de insegurança alimentar no PAA Emergencial, renegociação de dívidas. Um valor de R\$ 2,5 mil para agricultores e de R\$ 3 mil para agricultoras, investirem na produção de alimentos, permitindo a melhoria da alimentação dessas famílias a geração de renda.

A ASA e a ANA, articulações das quais o Centro Sabiá faz parte, têm construído com os demais movimentos e parlamentares sensíveis à situação de abandono dos agricultores familiares de todo o Brasil, a derrubada dos vetos do presidente no Congresso Nacional. Várias leis que têm o objetivo de ajudar as pessoas mais pobres, afetadas pela pandemia e pela crise econômica, foram vetadas pelo presidente, numa clara demonstração de que o atual governo brasileiro não prioriza a população mais pobre.

Expediente:

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50100.150 – Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: [sabiá@centrosabiá.org.br](mailto:sabiá@centrosabiá.org.br) – [www.centrosabiá.org.br](http://www.centrosabiá.org.br) – DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lucia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaíde Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenadora Técnico-Pedagógica: Maria Cristina Aureliano de Melo. Coordenador de Comunicação e Mobilização Social: Carlos Magno de Medeiros Moraes. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Eliane Nery, Germana Vila, Juliana Peixoto, João Carlos, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Jullyana Lucena, Natália Porfírio, Pedro Eugênio e Vânia Luiza. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Darliton Silva, João Lucas França (Estagiário) e Rosa Sampaio (DRT/PE 3510). EDIÇÃO: Mariana Reis (DRT/PE 3899). NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Breno Lacet e Francisco Franco. ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER). PROJETO GRÁFICO: Kelen Linck. ILUSTRAÇÕES DA COLUNA METE O BICO: Bruno Urbano. DIAGRAMAÇÃO: Kelen Linck. IMPRESSÃO: MXM Gráfica. TIRAGEM: 1000 (hum mil) exemplares.

Apoio:



Redes e articulações:



# Brasil, terra da fartura e da fome

## O que comemorar no Dia Mundial da Alimentação?

Por Maria Cristina Aureliano de Melo,

Agrônoma e coordenadora técnico-pedagógica do Centro Sabiá

No dia 16 de outubro celebramos o Dia Mundial da Alimentação, mas não há muito o que comemorar. O povo brasileiro está faminto. São 116,8 milhões convivendo com algum grau de insegurança alimentar, o que significa mais da metade da população brasileira, 43 milhões, sem alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de pessoas passando fome<sup>1</sup>. A volta da fome que atinge quase 10% da população é um grande retrocesso para um país que saiu do Mapa da Fome da ONU em 2014, quando menos de 5% da população estava nesta situação.

O contexto da pandemia da Covid-19 agravou esse cenário, mas desde 2017, dados da pesquisa sobre orçamento familiar realizada pelo IBGE<sup>2</sup> já apontavam para um aumento no número de famílias em situação de insegurança alimentar. E isso não foi por acaso. Tivemos um desmantelamento das políticas de segurança alimentar, com a extinção do Consea<sup>3</sup> logo no início do governo Bolsonaro; das políticas sociais, com os cortes no Bolsa Família; somados ao fim da política de valorização do salário mínimo e o desemprego, que já estava em 12% antes da pandemia. Além disso, vários programas com impacto direto na produção de alimentos e na garantia da segurança alimentar da população tiveram seus orçamentos reduzidos e até zerados, como o PAA<sup>4</sup>, PNAE<sup>5</sup> e o Programa de Cisternas.

Neste mesmo período, as exportações de grãos e carne do agronegócio brasileiro

Darliton Silva | Acervo Centro Sabiá



### Paradoxo: Brasil do alto lucro do Agronegócio e da fome do povo

cresceram e muito. Em 2020, o agronegócio foi responsável por 24,3% do PIB e em 2021 deve ultrapassar 30%. Como um país com essa produção tão pujante pode ter 19 milhões de famintos? Para começar, o agronegócio não produz alimentos, mas mercadorias para exportação. Com a alta do dólar, o interesse do agronegócio foi investir onde dá mais dinheiro, importou e deixou faltar no prato do brasileiro. Foi aí que vimos o arroz e o feijão ter um aumento de mais de 60% durante a pandemia. Além de lucrar muito e não abastecer com preços justos a população, o agronegócio foi presenteado com muitas isenções, foram quase 30 bilhões de reais em 2019. Esse é o paradoxo brasileiro, terra da fartura e da fome. A imagem que mais representa essa contradição é a fila de doação de ossos de boi para a população faminta em Cuiabá – MT, estado brasileiro com o maior rebanho bovino do País. A forma de superar esta situação já é conhecida

e comprovada, apoiar e fortalecer a agricultura familiar e a agroecologia, gerando renda no campo e alimento para todos. É a agricultura familiar a responsável pela produção de 70% dos alimentos consumidos no País. Mas é preciso políticas públicas. No último 27/09, a OAB protocolou uma ação no STF obrigando o Governo Federal a implementar políticas públicas de combate à fome, a partir de um pedido da Ação da Cidadania, ONG fundada pelo sociólogo Betinho. O STF deu 10 dias para o governo responder.

1. Esses dados fazem parte do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID 19 no Brasil realizado em dezembro de 2020 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN).

2. Pesquisa de Orçamento Familiar- POF 2017- 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

3. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

4. Programa de Aquisição de Alimentos.

5. Programa Nacional de Alimentação Escolar.





# Viva o Dois Dedos de Prosa!

**DDP chega ao n. 100 como boletim criativo, crítico e independente que comunica conteúdos educativos para fortalecer as lutas de resistência popular**

Por Marcos Antônio Bezerra Figueiredo

Sócio-fundador do Centro Sabiá e professor da UFRPE

**C**omo sabemos, a prosa é um estilo literário, mas na cultura popular brasileira esta palavra significa também uma conversa aberta e amistosa. Uma espécie de bate-papo descontraído com a finalidade de comunicar um fato, uma história, uma novidade ou mesmo resolver alguma questão. Esta modalidade de narrativa é muito comum entre pessoas do mundo rural que cotidianamente usam a comunicação oral para relatar acontecimentos da vida nas comunidades. Pensando assim, a equipe do Projeto Tecnologias Alternativas Pernambuco e Paraíba do Centro Josué de Castro – ninho institucional do Centro Sabiá – decidiu criar, em 1989, o boletim “Dois Dedos de Prosa”, cujos nome e espírito buscavam captar este estilo popular, criativo e lúdico de comunicação.

Os primeiros números foram confeccionados quase que de forma artesanal por meio de máquinas datilográficas, pinturas e montagens à mão e a sua reprodução em copiadoras. Na primeira edição foram produzidos 300 exemplares enviados pelos Correios a partir de uma mala direta de endereços para as sedes de organizações populares vinculadas ao movimento sindical de trabalhadores rurais, pastorais da Igreja Católica, instituições governamentais, entre outras.

Para produzir o DDP, como é carinhosamente chamado, e outras peças de comunicação, a

exemplo do Calendário e o Caderno Histórias da Roça (que divulgava experiências produtivas e organizativas da produção familiar camponesa) foi estruturada uma equipe de comunicação que era composta por uma jornalista (Vanderlúcia Maria da Silva), um diagramador – profissão hoje denominada designer – (José Tavares) e um desenhista (Frei Domingos Sávio). Uma equipe enxuta, mas brilhante, que deu o tom em termos de qualidade jornalística e artística com o argumento de que as publicações para a agricultura familiar deviam ser de qualidade.

---

**Ousadia, qualidade e criatividade são suas marcas até hoje, fortalecendo um estilo de comunicação afirmativa na perspectiva da agricultura familiar camponesa**

---

Em 09 de julho de 1993, quando o Centro Sabiá foi institucionalizado como uma organização não-governamental com personalidade jurídica própria, a comunicação já era uma ação consolidada e parte importante da cultura institucional. Não se tratava somente de caprichar nas publicações com ousadia, qualidade e criatividade, que são suas marcas

até hoje, mas principalmente fortalecer um estilo de comunicação afirmativa na perspectiva da agricultura familiar camponesa, da reforma agrária, da defesa de um modelo de desenvolvimento rural baseado na agricultura familiar e em sistemas alimentares biodiversos, como são os agroflorestais, que conservam a natureza, recuperam os solos degradados e produzem alimentos permanentemente.

Para a estratégia dos sistemas agroflorestais prosperarem, a comunicação teve um papel singular. Entre os anos de 1992 e 1993, o Centro Sabiá inicia pioneiramente processos de formação e experimentação participativa para implantação de áreas agroflorestais em Pernambuco, notadamente no município de Bom Jardim, com apoio do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (Sactes) e com assessoria de Ernst Gotsch. As dúvidas sobre a viabilidade, sobre a eficácia deste novo jeito de trabalhar eram enormes. Muitas pessoas diziam que “plantar pau não dá futuro” ou mesmo que estes sistemas produtivos “não são viáveis no Semiárido”, além de outros argumentos falsos que apontavam para uma incompatibilidade entre a floresta e a produção de alimentos.

O fato é que a comunicação da Revolução Verde (RV), com sua narrativa ideologizada apoiada por grandes empresas de mídia (rádio, televisão, jornais, etc), controlam os sistemas de comunicação e exercem forte influência na formação da opinião pública com propagandas persuasivas. Para ela, tudo





que for diferente, como os sistemas agroflorestais, é falso e não funciona. A principal mentira propagada pela comunicação da RV foi a que ela acabaria com a fome no mundo. Todavia, o seu verdadeiro objetivo oculto sempre foi a mercantilização da natureza e a concentração de lucros em poucas mãos.

A comunicação desenvolvida pelo Centro Sabiá caminha na direção oposta a esta: ela é contra-hegemônica e se vincula às lutas sociais por direito humanos, democracia e um projeto de país plural, fraterno, harmônico, com sistemas agroalimentares baseado nos princípios da agroecologia, da soberania alimentar e da diversidade sociocultural. Esta comunicação

## **A comunicação desenvolvida pelo Centro Sabiá se vincula às lutas sociais por direito humanos, democracia e um projeto de país plural, fraterno, harmônico, com sistemas agroalimentares baseado nos princípios da agroecologia, da soberania alimentar**

dos/as de falar, denunciando e anunciando que outro mundo mais solidário, colaborativo e de respeito a todas formas de vida é possível.

É com esta linha editorial marcada por este compromisso irrenunciável que o Dois Dedos de Prosa chega ao número cem e de forma ininterrupta. Uma marca histórica que deve ser comemorada como uma grande conquista de um

boletim criativo, crítico e independente que evolui cada vez mais para cumprir seu dever histórico de comunicar conteúdos educativos para fortalecer as lutas de resistência popular contra a desigualdade, a devastação da natureza e a fome impostas a milhões de brasileiros/as por um governo federal inominável.

Viva o DDP e a sua comunicação libertadora!



**DOE AGORA E  
TRANSFORME VIDAS**



# Por todo canto agriculturas urbanas!

Darliton Silva | Acervo Centro Sabiá

## As relações entre mapeamentos e as lutas para poder cultivar, plantar e colher nas cidades

Por Aniérica Almeida, Juliana Torquato, Nathalia Messina e Simone Miranda

Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (ANA)

**A**gricultura urbana não é um conceito estático. A diversidade de contextos, territorialidades, sistemas produtivos, funções e sujeitos envolvidos, demanda uma concepção dinâmica que não pode deixar de considerar questões sociais e estruturais como o acesso à terra e a luta por direitos na e à cidade. Por isso, o chamado a olharmos para as agriculturas urbanas.

No Brasil, diversos mapeamentos foram realizados localmente com múltiplos objetivos: conhecer quem são os e as agricultoras urbanas, onde cultivam, o que cultivam, por que, qual o destino dessas produções, dentre outras informações como a produção e o acesso a insumos (ex.: compostagem) e aos recursos naturais (como terra, água e sementes). Mas, sobretudo, os mapeamentos têm significado uma ferramenta de luta política para muitos grupos e movimentos sociais, dando visibilidade às agriculturas urbanas existentes em diferentes espaços e escalas, seus sujeitos e a diversidade de seus alcances e desafios.

Um dos assuntos em pauta no CNAU<sup>1</sup> é a necessidade de realização de um mapeamento nacional que articule informações já produzidas em mapeamentos locais. Em 2007, foi realizado um estudo sobre a agricultura urbana no Brasil que deu origem à publicação “Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana”. O estudo



Mapeamentos visibilizam experiências de agricultura urbana Brasil afora

identificou iniciativas em 11 regiões metropolitanas e contribuiu com diretrizes para a elaboração de uma Política Nacional de Agricultura Urbana, ainda em processo de tramitação no Congresso Nacional. Nos últimos 5 anos, foram realizados mapeamentos de Agricultura Urbana (AU) em cidades como Belo Horizonte, Florianópolis, São Paulo, Recife, Brasília, Niterói, dentre outras, que dão visibilidade às diferentes tipologias de experiências existentes, como os quintais, hortas comunitárias, hortas escolares, iniciativas de agricultura familiar, redes de produção e abastecimento nas periferias e quilombos. Esses mapeamentos têm contribuído para mostrar as contribuições da AU no combate ao aumento da fome, às formas hegemônicas de planejar e ocupar espaços e terrenos na cidade.

A necessidade de políticas públicas para a

Agricultura Urbana é uma demanda mais que urgente! A AU pode garantir acesso a alimentos saudáveis em tempos de riscos, ameaças e incertezas, como tem sido evidenciado no contexto da pandemia da Covid-19. Também contribui para a construção de sistemas alimentares sustentáveis nas cidades, sendo uma importante via de acesso ao direito humano à alimentação adequada e promotora de segurança alimentar e nutricional.

Esperamos muito que o ritmo de vacinação seja ampliado, minimamente à capacidade que o SUS tem de vacinar diariamente sem nenhum esforço adicional.

1. Coletivo Nacional de Agricultura Urbana da Articulação Nacional de Agroecologia.





# Boa alimentação nos centros urbanos

Espaços Agroecológicos são fundamentais para viabilizar hábitos mais saudáveis

Por Marli Gondim

Engenheira agrônoma, mestra em Geografia Agrária e Cultural e doutoranda em Geografia

**A**s feiras ou espaços agroecológicos que estão em vários bairros do espaço urbano da cidade de Recife, desde meados da década de 1990, além de se constituírem em lugares de comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar agroecológica, se constituem em ambientes de vivência cultural e social.

Sou moradora do bairro das Graças e realizo minhas compras de hortaliças, frutas, legumes, além de pães, bolos, sucos, geleia, canjica, doces, pastéis, sanduíches, mel e outros processados no Espaço Agroecológico das Graças e no de Santo Amaro. Além de ser cooperada da Agroecoloja, cooperativa recentemente criada para comercializar produtos agroecológicos durante toda a semana e viabilizar o fluxo contínuo de venda dos produtos de agricultoras e agricultores da Zona da Mata e Agreste do nosso Estado.

A Agroecoloja comercializa frutas, verduras e legumes, assim como viabiliza o acesso a outros produtos processados da agricultura familiar e de cooperativas, como milho de pipoca, gergelim, trigo, óleo de babaçu, arroz, linhaça, rapadura, flocos de arroz, goma para tapioca, fubá para cuscuz, e ainda ovos, manteiga de garrafa, queijo manteiga, iogurte, cajuína, café, tahine, só para citar alguns. Além de muitos produtos processados que também estão nas feiras e espaços agroecológicos. Às vezes também dou um pulinho no Espaço

Ana Lira | Acervo Centro Sabiá



**Opção por produtos agroecológicos é militância alimentar e política**

Agroecológico da Várzea para rever alguns agricultores e agricultoras e comprar outras coisinhas que não encontro nessas feiras que frequento semanalmente. Eu abasteço minha casa com produtos agroecológicos e orgânicos, na quarta-feira (Espaço de Santo Amaro), no sábado (Espaço das Graças) e, entre terça e sábado, posso acessar todos os produtos disponíveis na Agroecoloja.

É graças a essas mulheres e homens que cuidam da terra e produzem alimentos saudáveis que nós, consumidoras e consumidores da cidade, podemos hoje ter o privilégio de acessar produtos sem a marca excludente do agronegócio. Não fossem Nete, Doutor, Cristina e Amadeu, Mocinha, João e Antônio Custódio, Rejane, Chirlene, Lenir (grande companheira de tantos anos), Rafael, Lon,

Luzia, Adriano, Elivelto, Camila e Felipe, minha vida de agroecóloga e consumidora contumaz de produtos agroecológicos seria bem difícil. Eu moro em apartamento, tenho o privilégio de ter varanda, mas não tenho condições de produzir o que consumo. No máximo, umas quatro ervas para chá, uma cebolinha. Apesar de ser agrônoma e filha de agricultora, não tenho, nesse momento, espaço e tempo para me dedicar à produção regular de hortaliças, frutas e outros alimentos.

A minha opção por produtos agroecológicos está na minha militância política pela agricultura familiar e camponesa agroecológica. E é graças a essas mulheres e homens, a quem confio a produção dos alimentos que consumo, que usufruo de saúde e do prazer de contribuir com a Agroecologia!



DOE AGORA E  
TRANSFORME VIDAS



Olá Sabiás de todo canto,

Chegamos ao nosso número 100 com novidades, um espaço para todas as passarinhas e passarinhos meterem o bico. Essa coluna está aberta para que todas e todos possam opinar, trazer suas reflexões, contar suas experiências sobre agricultura familiar, tecnologias, agroecologia, comida de verdade, alimentação saudável, acesso à água e à terra, direito à alimentação, saúde, educação, mulheres agricultoras e tantos outros temas que queiram ver por aqui no nosso Dois Dedos de Prosa.

Aqui é um espaço garantido a todas as leitoras e leitores que queiram construir conosco a cada dois meses o informativo mais querido do ninho. Para isso é só nos enviar texto e ou fotos para o email: [comunicacao@centrosabia.org.br](mailto:comunicacao@centrosabia.org.br) ou para o nosso whatsapp: (81) 99967-0390, que iremos publicar um material por edição.

Mete o Bico que já estamos aguardando vocês!

Equipe do Núcleo de Comunicação Centro Sabiá



# Juventudes se organizam em tempos de crise

Por Ferreira Lima

Jovem multiplicador da Agroecologia

**D**esde 2020, o mundo sofre com a crise, a fome, o desemprego e a praga do novo coronavírus. No campo e na cidade, são fatores diferentes, a crise é uma só, porém em graus deferentes, no campo todos têm moradia, a maioria é moradia própria, todos plantam lavouras e isso faz com que a crise da fome não seja tão pesada quanto na cidade. Na Zona da Mata Sul de Pernambuco, no município de Catende, na zona rural do Engenho Rochedo, os moradores receberam várias doações de cestas básicas. As entregas foram feitas pelo grupo de jovens da SAEC\*, junto ao Fórum de Juventudes de Pernambuco (Fojupe), Fase e Fetape.

Boa parte da população não recebeu o auxílio-emergencial no valor de R\$ 1.200,00 por terem os pais como chefes de família e serem eles os titulares do Bolsa Família. Além disso, houve o aumento descontrolado no valor dos alimentos e a falta de emprego, contribuindo bastante para o aumento da fome nesta localidade. Muitos destes produzem, mas não consomem o que plantam, fazendo com que se agrave mais ainda a situação. Por muitas vezes, as pessoas têm que escolher entre pagar suas contas ou comprar alimentos, uma realidade que atinge grande parte da comunidade. Em consequência disso, o número de pedintes aumentou.



Nay Jinkss | Acervo Centro Sabiá

Para ajudar essa situação, o Fojupe, junto com a Visão Mundial, escreveram um projeto e conseguiram ajudar a comunidade com cestas básicas, material de higiene e uma ajuda de custo de R\$ 50 para jovens de 15 a 27 anos. No período dessa ação, o valor do auxílio-emergencial já tinha diminuído para R\$ 300. Mais doações foram primordiais para ajudar ao combate à fome, desta vez, a ajuda veio da Escola de Formação Quilombo dos Palmares (Equip) junto com a Fetape, o Centro Sabiá e o Sindicato dos Bancários. Em meio a tantas coisas ruins acontecendo, uma boa notícia: ninguém da comunidade contraiu o vírus da Covid-19, mesmo com tanta desinformação e negligência.

A situação não é fácil, com mais uma diminuição no valor do auxílio e o aumento no valor dos alimentos e do gás, a população procura meios pra sobreviver. Criação, pesca e caça estão cada vez mais difíceis, pois as queimadas estão fora de controle na região, devido ao período de queima da cana-de-açúcar. Mas a esperança permanece no coração de cada um e cada uma, lutando por igualdade e alimento no prato de todos.

\*SAEC, Grupo Semeando a Agroecologia Nas Escolas e Comunidades



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: [www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br)

